



EM BUSCA DE UM JORNALISMO DA ESPERANÇA: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO PENSAMENTO FREIREANO

Eixo 02 - Educação, Comunicação: fundamentos e teorias

Boanerges LOPES¹

RESUMO

Parte-se, neste ensaio, de algumas possibilidades do uso da pedagogia freireana para impulsionar condições reflexivas sobre a prática jornalística no contexto contemporâneo da profissão. Associação sustentada sobretudo quando se percebe o pressuposto de que o jornalismo é uma forma de conhecimento acerca do mundo e desempenha uma função pedagógica, como apontam alguns autores que dialogam no texto, a partir de uma revisitada em parte da literatura disponível sobre o tema. Ao buscar preceitos do pensamento de Freire, em que sobressaem a rigorosidade metódica na construção de conhecimento, o questionamento crítico, bem como por uma ética da escuta, os autores paradoxalmente indicam e alertam prováveis caminhos por onde jornalismo pode seguir ou evitar na busca por recuperar a credibilidade e os vínculos fundamentais com o social.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia freireana; prática jornalística; crítica; ética da escuta; social.

ABSTRACT

This essay explores some possibilities for using Freirean pedagogy to foster reflective thinking about journalistic practice in the contemporary context of the profession. This association is particularly grounded in the assumption that journalism is a form of knowledge about the world and performs a pedagogical function, as pointed out by some authors who discuss this text, based on a review of some of the available literature on the subject. By drawing on precepts of Freire's thought, which emphasize methodical rigor in knowledge construction, critical questioning, and an ethics of listening, the authors paradoxically indicate and warn of potential paths journalism can follow or avoid in its quest to regain credibility and fundamental connections with society.

KEYWORDS: Freirean pedagogy; journalistic practice; criticism; ethics of listening; social.

¹ Doutor em Comunicação pela UFRJ, Professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF-MG: bblopes@ufjf.br



1 Introdução

Em que mundo estamos vivendo? Foi a questão apresentada pelo sócio diretor da Mega Brasil Comunicação e do Gecom - Grupo Empresarial de Comunicação, Marco Antonio Rossi, em agosto de 2025, em seu perfil no LinkedIn². Rossi garante que de uns tempos para cá, parece que nos deparamos com uma crise a cada dia, que coloca em xeque o conceito de uma aldeia global, fundamentada em uma sociedade interconectada, como a que vivemos. Pondera que há nessa sociedade, que aparenta estar integrada, empática e solidária, qualidades que os fatos cotidianos recentes parecem contradizer. Como provocação, problematiza: “Afinal, quais os horizontes desse mundo em inegável e rápida transição? Quais os impactos em nossas vidas, em nossas relações pessoais e de trabalho, quais os impactos em nossos negócios?” Na opinião do profissional, para encarar e se proteger dos efeitos deste mundo em ebulição é preciso, antes de tudo, entender este momento histórico.

A chave para responder essas questões iniciais talvez esteja naquilo que o educador Paulo Freire registrou em uma de suas obras, “Educação como prática da liberdade”. Segundo estudiosos, livro fundamental para entender o pensamento freiriano. A falta de permeabilidade para perceber a realidade, de acordo com Freire, é dos mais sérios descompassos dos regimes democráticos atuais: “pela ausência, dela decorrente, de correspondência entre o sentido da mudança, característico não só da democracia, mas da civilização tecnológica e uma certa rigidez mental do homem que, massificando-se, deixa de assumir postura conscientemente crítica diante da vida”.

Parte-se, neste ensaio, do uso da pedagogia freireana para impulsionar algumas possibilidades reflexivas sobre a prática jornalística no contexto de crise da profissão. Essa ponte de reflexão, de acordo com Freire Bezerra (2019), é possível sobretudo quando percebemos o pressuposto de que o jornalismo é uma forma de conhecimento acerca do mundo (Genro Filho, 1987) e que, portanto, desempenha uma função pedagógica. De acordo com Meditschi (1989), a perspectiva da prática é o que torna o desenvolvimento de uma espécie de “método Paulo Freire de jornalismo” um profícuo campo de investigação acadêmica e profissional. Procedimento, segundo o próprio Freire, pensado não para o desenvolvimento de um “jornalismo ideal” para uma “sociedade ideal”, mas para o aperfeiçoamento da prática real em condições limitadas, para a intervenção na realidade contraditória, enfrentando “situações-limite” para a concretização de um “inédito viável”.

² Disponível em: <https://shre.ink/tEyi>



Desde meados da atual década, o mercado jornalístico foi atingido por uma crise complexa originada de diversas naturezas. Os postos de trabalho diminuíram e muitos profissionais foram obrigados a procurar outros empregos. As conclusões sobre o cenário pessimista que envolve profissionais e o jornalismo está no artigo da revista eletrônica E-Compós, “os jornalistas brasileiros em contextos de crises: uma análise das trajetórias profissionais de 2012 a 2017”, dos pesquisadores Tavares, Xavier e Pontes (2020). Eles se debruçaram sobre as mudanças na carreira de 517 jornalistas brasileiros. Os participantes do estudo são os mesmos respondentes de outra pesquisa — “o Perfil do Jornalista Brasileiro”, realizada em 2012 por dois professores da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Jacques Mick e Samuel Lima. Se a investigação faz referência à uma possível perda da esperança, a uma espécie de sentimento de vazio interior, que em princípio dá a entender que não resta mais nada a ser feito e projeta a metáfora do deserto de ocupações em que achamos que estamos, onde os esforços parecem em vão, surgem também perguntas necessárias: como podemos enfrentar essa possível perda das forças e buscar transformações que permitam uma disrupção urgente e necessária? Enfim, como enfrentar a desesperança que se impõe pelos números e projeta-se pelas falas profissionais e acadêmicas? Possivelmente, é neste momento que uma sensação incômoda e angustiante nos invade, mas que aguça questionamentos.

2 Esperança imperativa

A pesquisa citada anteriormente aponta que mulheres estão entre a maioria que deixou a profissão para exercer outras atividades, como assessoria ou docência. Também ganha destaque outro percentual significativo: 60% não trabalham mais com jornalismo e estão desempregadas. Para Tavares, Xavier e Pontes (2020), o dado é um indício das dificuldades estruturais de gênero no mercado de trabalho. Em contraponto a este e outros fatores que envolvem a dinâmica de atuação profissional, os pesquisadores gaúchos Araújo Freitas e Castro de Freitas (2019) destacam a importância da esperança como causa e consequência perante as exigências e desafios que emergem em relação às necessárias transformações sociais. Ambos entendem que o fazer humano e libertador é o elemento fundante da esperança. Estudiosos da obra do educador Paulo Freire, tratam do conceito de esperança imbricado com categorias como inacabamento, diálogo e utopia, aproximando-os as relações educativas. O próprio Freire (2012), dizia não ser esperançoso apenas por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. O educador, alertava, no entanto, que não é apenas pelo fato do ser humano ser esperançoso que terá o poder de transformar a realidade.



Segundo Freire, no embate, é necessário levar em conta dados concretos, materiais, onde a esperança é necessária, mas não suficiente. Ingenuidade é como o educador define aquela situação em que alguém — inclusive o profissional — acredita apenas na esperança para mudar o mundo. Em contrapartida, esclarece, sem ela seria cair no fatalismo, no pessimismo.

3 Sem jornalismo esvai-se a esperança

“Se existe algo que tira totalmente a esperança de alguém é a leitura dos jornais, revistas semanais ou noticiários de TV. Vê-se de tudo, menos jornalismo.” A afirmação é da pesquisadora Elaine Tavares que atenta para o fazer que se desintegra no universo da propaganda e do incensamento do sistema capitalista de produção. Nas respostas extraídas em parte de sua produção acadêmica, identifica que os meios de comunicação corporativos empregam o falseamento da realidade, escondendo-a, ou então a invenção de um presente/futuro a partir da mentira. Por isso, segundo a docente, não é nada fácil, nos tempos atuais, falar em esperança ou utopia: “é preciso mudar a forma cultural de ver os dados dentro das instituições, pois nossa cabeça por diversas vezes não é inovadora”, alerta. (Tavares, 2017)

E não está sozinha em pensamento e reflexão. O jornalista Alberto Dines foi profético quando em novembro de 1998 registrou no artigo “Por um jornalismo humanista”, publicado pela Folha de S.Paulo:

O modelo de jornalismo praticado no Brasil está esgotado. Autoinfectou-se, carece de antídotos autógenos. É um gigantesco faz-de-conta, armação joco-séria (como as tragicomédias de Antônio José da Silva no século 18). Profissionais imaginam-se livres, empresas jornalísticas fingem imparcialidade. Arrogância, onipotência e, às vezes, perversidade escondem-se atrás de um pretenso senso de justiça que não resiste a qualquer avaliação mais profunda. Com as honrosas e raras exceções.

Por mais paradoxal que pareça diante de inovações que impulsionam a área, o problema que mantém a reflexão de Dines atualíssima é justamente o que aponta não só para a impossibilidade de se identificar qualquer mudança significativa no contexto, mas pela dificuldade cada vez maior de se detectar as tais exceções quando se trata da mídia tradicional.

Dines dizia naquela ocasião que o sistema mediático, viga mestra do processo democrático, converteu-se num pêndulo de clonagem e canibalismo, no qual todos se copiam e todos se digladiam. Enfatizava que a concorrência não buscava a pluralidade, a diversidade ou a qualidade, mas a anulação desta pela reiteração. Ressalvava, no entanto, o papel das honrosas e raras exceções.



A frase irônica de outro jornalista de destaque na realidade brasileira, Stanislaw Ponte Preta, é propícia aqui ao ilustrar o possível comportamento geral de profissionais de imprensa em circunstâncias contemporâneas, aliviando “as honrosas e raras exceções”: “Restaure-se a moralidade ou locupletemo-nos todos!”.

No texto escrito por Dines, o salutar ceticismo filosófico se converteu em perigosa certeza jornalística — o que também não é difícil de observar em produções de pautas, entrevistas e nos comportamentos de vários veículos e profissionais de imprensa na atualidade —: todas as suspeitas são fundadas, todos os suspeitos, culpados. Segundo o saudoso idealizador e ex-coordenador do Observatório da Imprensa, impera a ambiguidade, pois todos estão numa espécie de vala comum, em que a humanidade se conduz sem crédito. Portanto, no entendimento do jornalista, se impunha um simulacro de justiça — sem ritos, prazos, normas. Intui-se, assim, que pensar em uma aproximação entre passado e presente significa deduzir que se as redações e suas rotinas não conseguem dar as respostas necessárias que atendem ao interesse público quem se dana é o leitor, ouvinte, telespectador ou internauta?

Lembra Tavares (2017) que Teixeira Coelho, na obra *O que é Utopia*, começa com uma assertiva que pode ser julgada capital: um dos traços que caracteriza o humano é a esperança. Ele deixa bem claro que ter esperanças não é meramente sonhar, é, isso sim, usar a imaginação utópica. “Ela não é delirante nem fantástica. Parte de fatores subjetivos, mas guia-se por fatores objetivos”, diz.

De acordo com Tavares, a esperança é a direção, o lugar aonde se quer chegar, vai além da aposta, é contra o absurdo de um mundo sem sentido. Ela reanima o passado, ressuscita os mortos, orienta o presente e visa, no futuro, o sumo-bem. Um lugar geométrico para onde converge uma totalização em movimento, em processo.

4 A esperança é sindical?

Primeira mulher negra a presidir o Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, Sindjors, Vera Daisy Barcellos, em artigo no *Jornal do Comércio* publicado em agosto de 2020 — na história de 78 anos do Sindicato foi a primeira vez que isso ocorreu — destaca que o jornalismo é um fazer e um ato político comprometido com a verdade dos fatos e com a responsabilidade ética de bem informar, ou seja, um exercício necessário para contrapor ao que de uns tempos para cá se apresenta, como fator negativo, devastador e nefasto, denominado fake news.



Como ação “política” — não confundir com política partidária — exercida há 49 anos, Vera instiga colegas, em busca dos direitos trabalhistas, que se conquistam, de acordo com ela, com luta e resistência desde o tempo que participava das assembleias realizadas nas redações. Considera que o momento impõe um desafio maior do que na época em que se deu o início do exercício profissional em João Pessoa (PB). Garante que é movida pela esperança e confiança nas pessoas. E que é possível, mesmo nestes tempos difíceis, promover transformações. Talvez a esperança de uma possível transformação no jornalismo passe concretamente pela retomada ou pelo incremento das ações sindicais. Assim afirma o ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce) e da Fenaj, Rafael Mesquita, ao considerar que o momento coloca os sindicatos como protagonistas da reorganização coletiva, com a missão de levar esperança à sociedade. Rafael ressalta os retrocessos no campo social, as perseguições às profissões regulamentadas, com destaque aos ataques ao Jornalismo, à ciência e às artes. “No momento de desesperança, de retrocesso até na vida cotidiana, a esperança está na luta popular e na vontade do povo brasileiro, força motriz desse país, mudança que vai nos recolocar em patamares de dignidade e decência”.

5 Ainda há esperança na academia

Também jornalista, Carlos Guimarães, a convite do professor Luiz Artur Ferraretto, em visita à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS/FABICO, para conversar com alunos daquela instituição, ficou bem impressionado com o bate-papo. Guimarães observou um desejo de mudar, a partir das muitas dúvidas e uma sede de conhecer, não como forma de procurar ser aquilo que as empresas querem, “mas sim querendo chacoalhar um pouco do sistema, ainda que em uma fase embrionária da academia”.

Quando terminou o encontro teve a nítida clareza de que ali estava o nosso futuro, o futuro das redações. Ou seja, jovens que querem produzir, mudar, interferir, balançar, pensar e fazer a diferença. Para o jornalista, que tem passagens pelas rádios Gaúcha e Guaíba e foi coordenador do Grupo Bandeirantes de Comunicação, ali não estava o futuro submisso, o jornalismo criado em laboratório, resignado e com a boca escancarada cheia de dentes esperando o Ibope chegar.

Ali tinha gente capaz de confrontar o sistema, capaz de querer mostrar para esse mundo que a vida é sobre movimento, não sobre zona de conforto. Vi gente capaz, com o olho brilhando, sangue pulsando, a vontade florescendo. Pode ser coisa de jovem, mas numa época onde informação se tornou produto e jornalista um mercador de notícias, ainda há esperança.



6 E no mundo pós-tudo...

Existem indícios de que há esperança e ela também envolve o jornalismo. Está presente não apenas naquilo que eterno Ariano Suassuna pronunciou ao afirmar que o otimista é um tolo; o pessimista, um chato; e o bom mesmo é ser um realista esperançoso. Também não daquele tipo de bálsamo para as dores do presente, como pensa Guimarães, para logo em seguida defini-la como ferramenta de construção de um futuro bom, que envolverá a todos. Esperançoso que era, o patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, talvez explique de maneira mais direta. Ele insistia em afirmar que não podia deixar de ter esperança pois o humano é um ser que procura. Não importa que a maioria esteja sem procurar. Na concepção do educador reconhecido mundialmente, estar sem procurar é o resultado do imobilismo imposto pelas circunstâncias, mas não é a natureza do ser. Freire acreditava numa esperança que deveria ser impulsionada pelos profissionais da pedagogia, da filosofia, da história, do jornalismo. Aqueles, segundo Freire, que compreendem a razão de ser da apatia das massas — e às vezes da apatia de si mesmos — e batalham mesmo assim de maneira incansável pela esperança. “Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. A esperança é a história, entende? No momento em que você definitivamente perde a esperança, você cai no imobilismo”, assim disse Freire.

Ponderações Finais

Pelo pensamento freireano é possível observar, segundo Freire Bezerra (2019), ensinamentos para refletirmos sobre o jornalismo em sua dimensão pedagógica e enquanto forma de conhecimento. Buscar a rigorosidade metódica na construção de conhecimento que gera, regido pelo questionamento crítico acerca do que as fontes oficiais dizem, bem como por uma ética da escuta, direcionada empaticamente aos injustiçados do mundo, parecem ser caminhos por onde jornalismo pode seguir na busca por recuperar a confiança da população e a sua importância social.

O jornalismo, assim como outros conhecimentos de autoprodução humana, se constitui sob bases dialógicas. Isso porque a curiosidade de conhecer algo leva à pergunta, e, por conseguinte, à investigação e ao outro que pode auxiliar neste processo de construção coletiva de formulação de um saber. É o que garante a pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, Juliana Freire Bezerra. Segundo ela, o diálogo sempre foi o método que sustentou o fazer jornalístico, mas que andou um tempo distorcido ou subutilizado. Juliana reforça que necessariamente é preciso recuperar



sua relevância na sociedade contemporânea, tendo a potencialidade de contribuir para o aumento da consciência crítica e cidadã de toda a sociedade.

O ponto central da discussão que impulsiona a ideia do diálogo como possibilidade revigorante do jornalismo na atualidade faz destacar-se o respeito pela vida, ou seja, o que leva a construção de um possível entendimento em que os humanos são seus participantes vivos. O que remete ao tecido dialógico (expressão cunhada pelo filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin) que permeia tudo que existe, o que bem ordenado provoca a consciência acerca das dificuldades e necessidades básicas de sobrevivência atuais.

Para o jornalista português Vítor Belanciano, o imprescindível para uma prática jornalística hoje é pensar, fazer ligações não previstas entre assuntos, agregar, ter a capacidade de refletir, se possível na companhia de outros. A professora e pesquisadora Medina (2017) aponta, especificamente, que a entrevista carrega em si vícios de origem que tendem a negar o diálogo possível e torná-la uma técnica autoritária, tanto no Jornalismo como nas Ciências Sociais ou até no consultório médico. E mesmo que se desconstrua o que ela denomina como dirigismo do processo — Pergunta e Resposta —, ainda assim, a entrevista — seja ela feita de maneira presencial ou digital — permanece limitada ao código linguístico relatorial ou científico.

Medina explica que para se atingir verdadeiramente os protagonistas e seu contexto social, é preciso estabelecer outro aparato de aproximação, o da observação-experiência. E reconhecer que “falta rua” — o que nesse período a distanciou mais ainda por motivos óbvios — na vida dos comunicadores. Afinal, diz Medina, a rua não entra “nos ambientes fechados e eletrônicos com seus cheiros, paladares, gestos, palavras poéticas e escutas desarmadas ou olhares coletivos e contraditórios, pois os cinco sentidos que dão o sinal inteligente para a captação do real, ainda não passam pelas máquinas”.

Destaca que o encontro dialógico também traz à escrita (não importa em que suporte) a fala viva da língua, a que está presente na poética e não no código racional/conceitual. É preciso, então, que a narrativa jornalística procure unir um narrador ou narradores para compor a cena coletiva de ação, além de pinceladas de intuições sintéticas e ideias abertas. O que não deve desprezar de maneira alguma, o trabalho de campo — um tanto complexo de ser cumprido em tempo de pandemia, ou seja, o exercício da reportagem —, que exige preparo anterior, disponibilidade e encantamento nas relações e mais a sensibilidade criativa para finalizar boas edições.

É preciso que surjam criadores em busca permanente do conhecimento e da transformação



do real — com todo o cuidado para não se desviar em direção ao ficcional —, e não apenas de cumpridores de rotinas jornalísticas. Profissionais que perpassem teoria e prática e expressem vozes coletivas. Só assim, talvez possamos chegar de maneira concreta a descobrir que podemos ultrapassar as tais exceções apontadas por Dines, aqueles parques amigos competentes, e acreditar nas distinções, bem como combater as generalizações e o nivelamento por baixo. Ou seja, considerar como o grande desafio, a busca efetiva pelo exercício de um jornalismo humanista. Portanto, com base no verdadeiro diálogo.

Freire Bezerra (2019) diz que é possível observar como o pensamento freireano traz ensinamentos importantes para refletirmos sobre o jornalismo em sua dimensão pedagógica e enquanto forma de conhecimento. Ao buscar a rigorosidade metódica na construção de conhecimento que gera, regido pelo questionamento crítico acerca do que as fontes oficiais dizem, bem como por uma ética da escuta, direcionada empaticamente aos injustiçados do mundo, tudo indica, garante a autora, que parecem ser caminhos por onde jornalismo pode seguir na busca por recuperar a confiança da população e a sua importância social. Mas, para isso, é preciso que o jornalismo se posicione politicamente numa luta popular em defesa da ética universal humana, puxando o cabo de guerra mais para o lado da sua natureza pública do que para a sua natureza mercantil.

Vizeu e Cerqueira (2017), ratificam a reflexão da autora ao apontarem que os saberes descritos pelo educador na obra “Pedagogia da Autonomia” são, em sua maioria, os mesmos que o jornalista precisa dominar para produzir um conhecimento embasado, contextualizado, crítico e transformador. A rigorosidade do método, criticidade, estética, ética, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento de ser condicionado e, ainda, a apreensão da realidade e o saber escutar. De acordo com os autores, é como se Freire estivesse orientando jornalistas. É como se lembrasse aos profissionais que esses saberes unidos devem ser incorporados como forma de correção e beleza, retidão e atração, legitimidade e convencimento. (Vizeu; Cerqueira, 2017). Como diz o próprio Freire, é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. E o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática: “O seu distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise deve aproximá-lo ao máximo”, registra sabiamente. (Freire, 2002)

Montipó e Ijuim (2019), garantem que Freire nos incentiva a creditar à prática jornalística comprometida a formação de sujeitos críticos e reflexivos, com consciência coletiva de mudança.



SIMEDUC

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

Para tal, jornalistas precisam constantemente revisitar e questionar sua prática concreta, retornar aos preceitos profissionais para que se enseje uma prática transformada e transformadora. Com isso, dizem os autores, podem, desse modo, lutar por liberdade e autonomia, para que o projeto democrático inclusivo seja ampliado. Freire sinaliza, por fim: “a esperança de transformação é necessidade urgente em um país tão desigual como o Brasil”.



Referências

Anais do XXI Fórum de Estudos [recurso eletrônico]: leituras de Paulo Freire / org. Fabiana Kaodoiniski ...[et al.]. – Caxias do Sul, RS: Educus, 2019. CASTRO DE FREITAS, André Luis; ARAÚJO FREITAS, Luciane Albernaz. **O diálogo crítico e o movimento de ação-reflexão.** (p.190-201).

COELHO, Teixeira. **O que é utopia.** Coleção Primeiros Passos. SP: Brasiliense, 1981.

COHN, Sergio (org.). **Paulo Freire – Encontros.** RJ: Beco do Azougue Editorial, 2012.

Da Silva, L. J. C., & Júnior, A. E. V. P. (2019). **Os saberes da pedagogia no telejornalismo:** Paulo Freire e a prática jornalística. *Revista FAMECOS*, 26(1), e31212. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/31212>

DINES, Alberto. **Por um jornalismo humanista.** Caderno Ilustrada: 21/11/1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq21119828.htm>

FREIRE BEZERRA, Juliana. **O que Paulo Freire pode nos ensinar sobre jornalismo?** Portal Observatório da Imprensa. Edição 1051, 2019. Publicado originalmente no site objetos. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/objethos/o-que-paulo-freire-pode-nos-ensinar-sobre-jornalismo/>

_____. **O diálogo potente no jornalismo:** pensando a interatividade em seu viés pedagógico, RAEIC, Revista de *La Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, vol.7, núm. 13, 99-117, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24137/raeic.7.13.5>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. RJ: Paz e Terra, 2012.

_____. **Extensão ou comunicação?** RJ: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia.** RJ: Paz e Terra, 2002.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GONÇALVES DE OLIVEIRA, Hebe Maria. **Influência e atualidade de Paulo Freire nos estudos em comunicação jornalístico:** o retorno ao pensamento freireano diante dos desafios contemporâneos. *Extraprensa - Cultura e Comunicação na América-Latina*, 2022. Disponível em: <https://shre.ink/tEOr>

LOPES, Boanerges. **Educação e Cidadania** - Em busca de um jornalismo da esperança. Projeor: Portal Observatório da Imprensa. Edição 1106, setembro de 2020. Disponível em:



<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/em-busca-de-um-jornalismo-da-esperanca/>

_____. **Por um jornalismo que restabeleça o humanismo pelo diálogo.** Projor: Portal Observatório da Imprensa. Edição 1096. Julho de 2020. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/por-um-jornalismo-que-restabeleca-o-humanismo-pelo-dialogo/>

MEDINA, Cremilda. **Jornalismo e compromisso social:** a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina. Entrevista realizada em 10/10/2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/40090/20128>

MEDITSCH, E.; FARACO, M. B. O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1031>.

MEDITSCH, Eduardo. **Método científico e método jornalístico.** Revista Brasileira de Comunicação (Intercom 60). São Paulo, 1989.

_____. **O Conhecimento do Jornalismo.** Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Jornalismo como Forma de Conhecimento. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol XXI, 1, p. 25-38, 1992.

MONTIPÓ, Criselli Maria; IJUIM, Jorge Kanehide. **Estar no e com o mundo:** contribuições de Freire para um jornalismo transformador. *Extraprensa* - Cultura e Comunicação na América-Latina. 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/192496/182116#citations>

PONTES, Felipe Simão; TAVARES, Camilla Quesada; XAVIER, Cintia. **Os jornalistas brasileiros em contextos de crises:** uma análise das trajetórias profissionais de 2012 a 2017. Revista e-compós, 2020. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2040/1996>

TAVARES, Elaine. **A utopia, a esperança e o jornalismo.** Portal Brasil de Fato. 2/1/2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/22/artigo-a-utopia-a-esperanca-e-o-jornalismo>

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo e práxis educativa:** uma leitura crítica de Paulo Freire. SP: Edições Loyola, 2014.